

OS HOMENS DESPEDAÇADOS

Edison Bariani Junior¹

¹ É mestre e doutor em sociologia pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, UNESP/Araraquara-SP.

Ao tempo...
que faz apodrecer as flores
e renascer os sonhos

Sofremos nós de uma sina irremediável, somos animais condenados a pensar. Temos necessidades imanentes, urgentes e básicas, fisiológicas, se o quiserem, mas sempre as temperamos simbolicamente com o sentido da satisfação, mais ainda, sempre consideramos a satisfação só possível em termos simbólicos; as necessidades não são o que estritamente precisamos, são mais que isso, são o que queremos, o que aspiramos.

Vamo-nos inebriados pelos sentidos da vida e esta não é algo material ou espiritual, pois há muito se vão os dias que os homens (e as mulheres, perdoem-me) tentaram explicar sua trágica existência pela separação entre o corpo e a alma, o abismo entre os apetites físicos e o cultivo do espírito, somos um, ou melhor, somos cada um, um, singulares.

Todavia, esta situação não nos traz alívio, pois se temos - como indivíduos - amalgamados corpo e alma, somos únicos, e nossa singularidade não nos basta. Se cada um tem os elementos do humano, demasiado humanos somos para que tenhamos tudo que nos apetece; se os homens são únicos, os valores, os amores, os sonhos, os projetos são todos coletivos, gerais, universais. Nossa singularidade, se nos parecia autonomia, na verdade é mais uma ‘fragilidade’, já que somos um “todo incompleto”.

Temos em nós tudo que é humano, tudo que é comum e elementar aos outros homens, temos em amostra, em escala, tudo que somos, cada ser singular é um microcosmo. Porém, e sempre há um porém, como todo incompleto estamos sempre à procura do preenchimento do que nos falta, do que não temos, do que necessitamos – não só como apetite mas como desejo – e, obviamente, o procuramos nos outros seres – singulares, também.

Há aqui então um dos dramas da existência trágica do homem e, mormente, do homem moderno: somos singulares e temos desejos universais. Nossa capacidade

singular de satisfação também é de procura, estamos todos juntos, unidos, inseparáveis mesmo pela loucura, a própria solidão nos une em nosso desejo de estar com a ausência dos outros ou de nós mesmos... Mesmo na multidão estamos sozinhos, às vezes, por estranho que pareça, nos sentimentos menos sozinhos com outra única pessoa, que circunstancialmente cremos que nos completa, e ainda assim devido às ausências, às necessidades, faltas, pois demonstra ter os mesmos desejos e sofrimentos. ‘Completude’ que provém não do que nos dá, mas sobretudo pelo que também quer. Aprendemos a dividir o que nos falta e chamamos isto amor. Assim, somos solidários, amorosos, amantes, mas não inteiros. Já que só somos inteiros apenas como espécie, como número, nunca como ser.

Somos seres complexos buscando ser completos. Estamos despedaçados. Não como um ídolo se despedaça em milhares de fragmentos, pois mesmo assim um fictício e metódico artesão poderia unir todos os pedaços novamente fazendo reviver o ser inteiro... Não é nosso caso, estamos existencialmente despedaçados, pois que todos os pedaços – que somos nós – juntos não acrescentariam nada ao todo a não ser a fome de completude que, unida, nos faria mais frágeis que quando singulares, seríamos uma imensa massa de dor e confusão, um Leviatã de paixões e aflições. Não é fortuito que as multidões são responsáveis pelos mais cruéis atos da humanidade e, às vezes, pequeninos homens, nos enchem de orgulho de sermos humanos. Todos juntos, próximos, seria melhor dizer, potencializaríamos mais nossas fraquezas que nossa força. A união nos é essencial para assuntos pragmáticos e realizações vistosas, mas de nada nos vale como força vital, como existência plena e autêntica.

Daí que sempre nos sentimos premidos, pressionados, açoitados pelo tempo e pelo espaço que simbolizamos para tentar nos localizar na correnteza da existência e sentirmo-nos menos perdidos; estes conspiram contra nossa procura pela completude, pela localização do outro, mudando constantemente os paralelos do mundo. Isto é o que acreditamos, já que nós próprios mudamos o mundo e ao mesmo tempo nos sentimos inseguros porque acreditamos que ele muda sem nos consultar, automaticamente. O mundo é uma máquina que pusemos a funcionar e agora não sabemos como controlar, é uma imensa pedra que pusemos a rolar sobre nossa própria aldeia. Nós a empurramos e a seguramos, estamos sempre reféns dela.

Também assim é a angústia, e este é o maior sentimento humano, o sentimento humano por excelência, pois é a conseqüência do despedaçamento do homem no mundo, sempre em evidente catástrofe. A angústia é a falta que sentimos que algo que nunca teremos e talvez não mereçamos, a saudade de algo que não conhecemos; a revolta contra o tempo, o espaço e o mundo, contra a nossa miséria cotidiana e histórica que nos faz buscar o inalcançável; a dor de termos necessidade existenciais coletivas e existências singulares; o pavor de que sempre nos falta e nos faltará algo.

Dentre os homens, seres despedaçados, fragmentos, há diferentes criaturas (sempre particulares) que, sofrendo de tudo que os outros sofrem, procuram formas diferentes de viver e sobreviver à angústia, que é comum a todos: uns a amaldiçoam, são rebeldes, produzem mudanças pragmáticas; outros são conformistas, produzem quase nada, mas dão calma ao barco para que tumulto extremo não nos jogue todos ao abismo, têm assim sua missão; outros a negam, quase sempre são seres muito debilitados, se somos todos fragmentos, fragmentos menores, tão pequeninos que nem se dão conta de sua existência, no entanto, negando-a, nos movem a prová-la e a buscar sempre a existência possível; outros ainda a mascaram, querem explicá-la em termos de dogmas e sistemas, intentam mostrar-nos que seu pedaço, o que lhe cabe - acreditem – é maior que o todo, e dão-nos receitas nas quais eles próprios não crêem (quase sempre são religiosos e intelectuais); por fim há os que aceitam a angústia, mais que isso, a acolhem, tomam-na nos braços e se põem a acariciar o monstro que os ameaça devorar! Esta é uma categoria muito especial de pessoas, estes são os que compreendem sua condição fragmentária, parcial e imperfeita, implacavelmente imperfeita. Não deixam de buscar se completar, mas algo os distingue totalmente: em vez de pilharem os outros dão de si, sabem da incompletude geral mas preferem doar o pouco que têm a tomar de todos os outros. E, curiosamente, em vez de ‘doar’, ‘repartir’, ‘dividir’, chamam a isso ‘receber’, pois acreditam que a possibilidade de dar é muito mais recompensadora que a necessidade de ter.

Só agora os entendo.

